



PROGRAMA EDUCANDO PARA A DIVERSIDADE: UMA FERRAMENTA DE SUBVERSÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

Carla Araujo de Souza¹

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8167-2102>

Mayanna de Vasconcelos Vieira²

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4333-783X>

Flavio Augusto Leite Taveira³

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8167-2102>

Liliane Santos de Camargos⁴

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0979-4447>

RESUMO

O presente relato busca explicar, por meio de exposição e análise, sobre duas ações que foram realizadas ao longo do ano de 2019 no âmbito do programa Educando para a Diversidade em um dos campus da Universidade Estadual Paulista (Unesp) no interior do Estado de São Paulo. Partindo da exposição das ações, buscaremos no decorrer deste texto, trazer um pouco da história dos núcleos que foram responsáveis pela realização de tais ações no âmbito do programa supracitado. Por fim, propomos reflexões acerca do impacto de tais na vida pessoal e acadêmica de integrantes dos núcleos, por meio de depoimentos produzidos pelos mesmos. Destacamos o impacto das discussões para a formação profissional e pessoal dos participantes, que acompanharam as atividades, sujeitos estes que são futuros professores e engenheiros, cujo as ações impactaram positivamente, convidando-os a refletir sobre como o silenciamento dessas vozes e a invisibilidade desses corpos corroboram para a manutenção de toda e qualquer discriminação e violência que ocorre em nossa sociedade motivada pelos fatores da sexualidade e da identidade de gênero.

Palavras-chave: Educando para a Diversidade. Identidade de gênero. Sexualidade.

1

EDUCATING FOR DIVERSITY PROGRAM: A GENDER IDENTITY SUBVERSION TOOL

ABSTRACT

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista, câmpus de Ilha Solteira. Mestranda em Ensino e Processos Formativos pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Jaboticabal. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal, São Paulo, Brasil. E-mail: carla.souza@unesp.br.

² Graduanda em licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Ilha Solteira. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Engenharia, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil. E-mail: mayanna.vasconcelos@unesp.br.

³ Licenciando em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Ilha Solteira. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Engenharia, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil. E-mail: flavio.taveira@unesp.br.

⁴ Doutora em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Fisiologia e Bioquímica de Plantas pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Ciências Biológicas/Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. Professora Associada do Departamento de Biologia e Zootecnia na Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira da Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: liliane.camargos@unesp.br.

The present report aims to explain, using analyze and exposition, two actions that were conducted during 2019 under the Educating for Diversity program, accomplished at the São Paulo State University (Unesp), School of Engineering, Ilha Solteira, in the interior of the State of São Paulo. Starting in the exposition of the actions, we will seek in the course of this text, bring a little of the history of the nuclei that were responsible for carrying out such actions under the mentioned above program. In conclusion, we propose reflections on how these activities affected the personal and academic life of the subjects participating in those Nuclei, using testimonials produced by the same. We highlight the impact of the discussions for the professional and personal training of the participants, who followed the activities, subjects who are future teachers and engineers, whose actions had a positive impact, inviting them to reflect on how the silencing of these voices and the invisibility of these bodies corroborate for the maintenance of any and all discrimination and violence that occurs in our society motivated by the factors of sexuality and gender identity.

Keywords: Educating for Diversity; Gender identity; Sexuality.

PROGRAMA DE EDUCACIÓN PARA LA DIVERSIDAD: UMA HERRAMIENTA DE SUBVERSIÓN DE IDENTIDAD DE GÉNERO

RESUMEN

Este informe busca explicar, a través de la exposición y el análisis, acerca de dos acciones que se llevaron a cabo a lo largo de 2019 bajo el programa Educando para la Diversidad en uno de los campus universitarios de la Universidad Estadual Paulista (Unesp) en el interior del Estado de São Paulo. A partir de la presentación de las acciones, buscaremos, a lo largo de este texto, traer un poco de la historia de los núcleos que fueron responsables de llevar a cabo tales acciones bajo el programa antes mencionado. Finalmente, proponemos reflexiones sobre el impacto de tales en la vida personal y académica de los miembros de los núcleos, a través de testimonios producidos por ellos. Destacamos el impacto de las discusiones para la capacitación profesional y personal de los participantes, quienes siguieron las actividades, temas que son futuros maestros e ingenieros, cuyas acciones tuvieron un impacto positivo, invitándolos a reflexionar sobre cómo silenciar estas voces y la invisibilidad de estos cuerpos corroborar el mantenimiento de toda discriminación y violencia que ocurra en nuestra sociedad motivada por los factores de sexualidad e identidad de género.

Palabras clave: Educar para la diversidad. Identidad de género. Sexualidad.

INTRODUÇÃO

Ao pensar a identidade, logo se pensa em algo inerente ao sujeito. Contudo, Hall (2006) explica que, atualmente, a sociedade passa por uma crise da identidade advinda da pós-modernidade; constituindo-se como instável, contraditória e, também, construída e interpelada através das representações (WOODWARD, 2006).

Através das políticas identitárias definem-se os enquadramentos sociais cabíveis e aceitáveis para a sociabilidade em comunidade; apesar de parecer necessário tais encaixes identitários⁵ causam, também, exclusão e abjeção de sujeitos que vivem e que se declaram pertencentes às chamadas fronteiras da identidade ou identidades marginalizadas.

⁵ Demarcamos, neste trabalho, especificamente, da identidade de gênero.

O “abjeto” designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente o “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito (BUTLER, 2003, p. 190-191).

Indivíduos que não pertencem às identidades “padrão”, ou seja, tudo aquilo que as instituições de poder instalaram como normais ou como aceitáveis através de discursos normativos ao longo da história são “abjetificados” (BUTLER, 2003). Consideram-se menos do que outros seres humanos, sendo destituídos de sua humanidade, invisibilizados, atirados para as margens da sociedade (ou seja, marginalizados).

Com efeito, faz-se cada vez mais necessário apresentar identidades obrigadas a manterem-se abaixo das estruturas sociais, fazendo com que os espaços sejam ocupados e com que as vozes sejam ouvidas. Consideram-se as identidades construídas através da representação e da significação e a teoria de subversão da identidade, de Judith Butler, segundo a qual o fluxo que rege a compreensão das possibilidades de gênero não somente restringe, mas (re)afirma, constantemente, um modelo de ser social pautado no binarismo. Somente práticas significativas constantes de reconhecimento de outras possibilidades de gênero torna possível a subversão da identidade (BUTLER, 2003).

As reflexões, aqui, descritas têm como objeto de análise duas atividades que ocorreram no interior do Programa Educando para a Diversidade⁶. Em nosso relato, as atividades do programa supracitado têm lugar na Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira (FEIS), câmpus da Universidade Estadual Paulista (Unesp). A FEIS conta com oito cursos de graduação, quais sejam: Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Agrônômica, Zootecnia (Bacharelado), Física, Matemática (Licenciatura) e Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado). As atividades do Programa, realizadas no câmpus, tiveram o Núcleo de Apoio e Discussão de Gênero e Sexualidade (Nugens) como um dos organizadores. Nesse cenário e indo ao encontro aos objetivos por nós traçados, cremos ser de suma importância salientar que é observável um padrão de sujeito no público que compõe o corpo discente do câmpus, sendo, majoritariamente, composto por homens brancos, heterossexuais e cisgêneros, fato este por nós atribuído, principalmente, devido aos cursos de engenharia.

⁶ O Programa Educando para a Diversidade é configurado através de um convênio da Universidade Estadual Paulista por meio dos editais conjuntos da Pró-reitoria de Extensão (ProEx - Unesp) 05/2018 e 07/2018 em parceria firmada com o Grupo Santander, visando a realização de ações e atividades processuais que promovam a cultura, a saúde e o respeito à diversidade no âmbito dos programas de pós-graduação da Unesp.

OBJETIVO

Este relato de experiência objetiva refletir acerca do impacto das ações que ocorreram no ano 2019 na vida pessoal e acadêmica de graduandos e de pós-graduandos componentes do Núcleo de Apoio e Discussão de Gênero e Sexualidade (Nugens), através de depoimentos de quatro integrantes que participaram das atividades.

DESENVOLVIMENTO

O Nugens surge em meados do ano de 2017 na cidade de Ilha Solteira. Sua criação deve-se a necessidade de discentes e de docentes de discutirem e de entenderem como as relações sociais/humanas vinham e vêm estruturando-se, uma vez que o câmpus de Ilha Solteira nasceu em um contexto ditatorial e sempre houve predominância de homens cisgêneros e brancos.

Tal configuração vem perdurando através das décadas e, muitas vezes, sendo palco de discriminação, de machismo, de misoginia, de homofobia e, até mesmo, de assédio. O núcleo emerge, então, com a proposta de estudar, de compreender e de discutir questões relativas a todo o espectro de gênero e de sexualidade, bem como propor ações que possam impactar o ambiente acadêmico e seus arredores. Trazendo, assim, a problematização e a reflexão e, talvez, a superação de determinados estigmas enfrentados, principalmente, por aqueles que estão à margem, mas que clamam por sua existência e por seu lugar na universidade, bem como em toda a sociedade.

Durante o ano de 2019 (março a outubro) foram desenvolvidas dezesseis atividades do Programa Educando para a Diversidade, que tem como um dos seus objetivos promover o debate, a informação e discussões relacionadas a temáticas ligadas à diversidade de fatores que envolvem o ser social, histórico e cultural em seus diversos espectros como a identidade de gênero, a sexualidade e a raça. Para este relato, selecionamos duas ações para ser foco das experiências relatadas e reflexões aqui descritas, a saber, as mesas-redondas “Sexualidade e Gênero: problematizando a heteronormatividade” e “E se a professora fosse travesti?”.

As atividades do Programa: Problematizando a heteronormatividade

A mesa de discussão “Sexualidade e Gênero: problematizando a heteronormatividade”, composta pelas professoras doutoras Ana Paula Leivar Brancaloni (Unesp, Jaboticabal), Daniele Costa Silva (Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Cornélio Procópio), Daniela Cardozo Mourão (Unesp,

Guaratinguetá) e Vanessa Franco Neto (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS, Campo Grande), foi realizada em 13 de setembro de 2019, contando com 48 participantes presenciais e transmissão online.

Tratar das questões relativas à sexualidade, à identidade e a outros componentes da existência humana compete, também, problematizar a heteronormatividade⁷, em que a sociedade está submergida, trazendo as relações de poder que se estabelecem entre os gêneros: como essa norma influencia os corpos e como que ela impacta as vidas dos sujeitos héteros e principalmente de sujeitos transgressores a norma heterossexual socialmente imposta.

A partir das apresentações das convidadas, ficou claro que a tomada de consciência de que o padrão heteronormativo é socialmente estabelecido e deve ser desnaturalizado, é um passo para a desconstrução do preconceito sobre o grupo de pessoas que mais morrem, seja por homicídio ou suicídio, no Brasil.

Assim, discussões levantadas proporcionaram aos participantes refletir sobre a presença de “modelos” de comportamento na vivência cotidiana. Além disso, as participantes propuseram problematizações sobre como esses corpos e essas identidades são constantemente agredidas psicológica, social e fisicamente, como comprovam os relatórios produzidos pelo Grupo Gay da Bahia (2017; 2018; 2019).

E se a professora fosse travesti?

5

Composta pela professora Amara Moira, primeira travesti a defender o título de doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e pela licencianda em Pedagogia Vita Pereira, ambas travestis, a mesa de discussão “*E se a professora fosse travesti?*” trouxe problematizações e experiências sobre a profissão docente no cenário da comunidade LGBTT, através das vivências explanadas das apresentadoras. Antecedendo a fala das participantes, foi apresentado o documentário “*Morada das Ixtranhas*” que traz um pouco da história do *Coletivo Multiartístico Casixtranha*⁸ o qual Vita é integrante.

É importante salientar que em ambas atividades, os sujeitos que participaram puderam levantar dúvidas e formular questões, além de propor alguns temas relacionado à temática das mesas para que as participantes pudessem discorrer e apresentar opiniões, enriquecendo ainda mais as atividades.

⁷ Relativa ao conceito de heterossexualidade compulsória apresentada por Butler (2003), que designa um tipo de manifestação da sexualidade humana como o padrão, produzindo assim a heteronormatividade e excluindo todas as demais manifestações.

⁸ O *Coletivo Multiartístico Casixtranha* é um grupo que tem a finalidade de trazer a arte da Dança Vogue para a cidade de Araraquara, focando os eventos nas praças da cidade.

No interior das intenções de proposição e de realização das duas atividades, salientamos que ambas focaram em evidenciar sujeitos de experiências capazes de apresentar uma história de vida e de luta a ser contada dentro de um espaço onde majoritariamente o padrão estabelecido é atendido com sucesso.

Após o término do edital do Programa Educando para a Diversidade, solicitamos aos integrantes do Nugens, que não haviam participado da organização das atividades, para que fizessem um relato sobre a experiência dos mesmos com as ações promovidas e organizadas pelo programa, permitindo assim uma avaliação parcial do edital. Como devolutiva, recebemos quatro relatos, onde pudemos perceber e destacar que as duas ações supracitadas, foram as que mais sensibilizaram esses participantes. Como devolutiva, recebemos quatro relatos, onde pudemos perceber e destacar que as duas ações supracitadas, foram as que mais sensibilizaram esses participantes. Sendo assim, traremos alguns dos aspectos que julgamos mais impactantes nos relatos. A fim de manter o anonimato dos sujeitos, identificaremos os relatos como Integrante "Chico Buarque", Integrante "Maria Bethânia", Integrante "Caetano Veloso" e Integrante "Gal Costa", e os trechos de seus relatos respectivamente.

Integrante "Chico Buarque": [...] A atividade que mais me marcou foi o Cine-debate "Casa das Ixtranhas" e mesa de discussão "E se a professora fosse travesti?", onde tive contato pela primeira vez em 20 anos com uma pessoa trans que é professora doutora e outra que na época cursava pedagogia. Foi muito impactante para mim ver o quanto essas minorias são marginalizadas e até mesmo "massacradas" pela nossa sociedade. Isso com certeza fez com que eu abrisse meus olhos para outras vivências e tivesse certeza da importância de dar lugar a essas vozes, além de ter contato com sua rica produção em diversas áreas de pesquisa, como o livro "E se eu fosse puta" da professora Amara Moira.

Integrante "Maria Bethânia": [...] Lembro que as discussões levantadas me puseram a refletir sobre a latente presença de 'modelos' de comportamento na vivência cotidiana. Também tive acesso a estudos científicos sobre 'Gênero', para além da dualidade, mostrando uma lista com diversas por assim dizer 'categorias' de gêneros. Além das questões expostas, destaco as problematizações realizadas pelas compositoras da mesa redonda, compartilhando vivências e percepções sobre a Identidade de Gênero e a Sexualidade humana.

Integrante "Caetano Veloso": As atividades advindas do projeto Educando para a Diversidade, de maneira geral, nos tira da zona de conforto e nos faz olhar para o mundo com certa estranheza. A mesa intitulada "E se a professora fosse travesti" de início me despertou um questionamento íntimo: Problema algum, e por que teria? Mas, participando da mesa e ouvindo as falas das mulheres ali presentes percebemos que não é bem assim. Partimos de um ponto que o espaço da Universidade pública é um espaço aberto, livre e democrático que em teoria deveria ser acolhedor e que celebrasse a diversidade. Porém, olhando para a Universidade com os óculos da realidade enxergamos que no fundo, ela desempenha muito bem seu papel de contribuinte para a manutenção da desigualdade e do afastamento dos diferentes".

Integrante "Gal Costa": Participar das ações do educando para a diversidade, foi uma experiência rica e extremamente formativa, principalmente por me colocar em contato

com vivências muito diferentes da minha, e permitir o exercício da empatia e da sensibilização em relação a problemáticas que não fazem parte do meu cotidiano, me permitindo refletir sobre meus privilégios. [...] Conhecer e poder ouvir essas mulheres contarem sobre suas vivências, todas as dificuldades que enfrentaram em vários momentos da vida, me fez refletir acerca do quanto ainda temos que caminhar quanto sociedade, mas também me despertou uma vontade maior ainda de lutar, de erguer ainda mais as bandeiras de luta, principalmente considerando que como professora, e discente de pós-graduação, tenho obrigação de tratar as opressões como algo a ser combatido diariamente. Concluo que o ambiente universitário necessita de muitas ações como essas, onde os participantes possam conhecer seus privilégios, refletindo sobre as estruturas que formam a sociedade e também sobre todos esses padrões que nos são ditados, e observar como são maléficos e prejudiciais.

ALGUMAS REFLEXÕES...

Considerando, como já foi explanado anteriormente, que as identidades são construídas a partir de discursos normativos que produzem, que reproduzem e que definem os corpos que importam socialmente, o que acarreta na exclusão dos sujeitos que não se enquadram na normativa imposta, dessa forma ressaltamos a importância de promover ações como as que foram descritas anteriormente, promovendo espaços onde vozes historicamente apagadas, possam compartilhar suas vivências, dificuldades e lutas contra os padrões normativos socialmente impostos.

Os depoimentos acima expostos mostram-se embebidos de anseios para com a profissão a partir de reflexões suscitadas pelas atividades propostas pelo Educando para a Diversidade. Pudemos perceber que tais atividades fizeram emergir sentimentos talvez nunca antes acessados pelos sujeitos que experienciaram tais atividades. Os apontamentos acerca do “colocar-se no lugar do outro”, o reconhecimento dos privilégios, “o lugar de onde eu vim e o lugar de onde eu falo e para quem eu falo”, tornam-se a espinha dorsal desses relatos e também constituem a força motriz que faz com que esses eventos aconteçam.

É importante informar que nos posicionamos, aqui, também como sujeitos participantes, e destacamos que experienciar tais ações nos fizeram refletir, principalmente sobre como o contexto da sala de aula, palco de nossas futuras profissões, nos fará dia-após-dia, lidarmos com o diferente, o desconhecido e, infelizmente, com o sujeito marginalizado, e contrário a onda normatizadora que busca enquadrar todos, num tsunami de machismo, opressão e preconceito. Nesse caso, participar de espaços como esses, onde ações proporcionadas pelo Educando para a Diversidade nos apresenta um caminho, sabedoria e ferramentas, para que, através da docência busquemos sempre valorizar e celebrar as diferenças e zelar pelo respeito e cuidar para que nossa educação seja sempre multiplicadora de benfeitorias, e nunca de segregação e manutenção da intolerância.

CONCLUSÕES

Com o presente relato de experiência, buscamos destacar o impacto das discussões para a formação profissional e pessoal de quatro integrantes do NUGENS que acompanharam as atividades, sujeitos estes que são futuros professores e engenheiros, cujas ações impactaram positivamente, - segundo os relatos - convidando-os a refletir sobre como o silenciamento dessas vozes e a invisibilidade desses corpos corroboram para a manutenção de toda e qualquer discriminação e violência que ocorre em nossa sociedade motivada pelos fatores da sexualidade e da identidade de gênero.

Concluimos, então, que ações como essas, promovidas por programas e por editais, como o Educando para a Diversidade, podem contribuir para uma sensibilização dos sujeitos, e também para uma possível desestabilização das identidades construídas a partir da norma estabelecida através das representações, e que tais ações devem ser realizadas constantemente, tendo como horizonte uma subversão identitária.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Pessoas LGBT morta no Brasil: relatório 2017**. 2017. Disponível em <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2017.pdf>. Acesso em 4 ago 2020.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **População LGBT morta no Brasil: relatório 2018**. 2018. Disponível em <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2018.pdf>. Acesso em 4 ago 2020.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil - 2019**. 2019. Disponível em <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/04/relatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt-2019-1.doc>. Acesso em 4 ago 2020.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2006.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. p. 7-72.